

**Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes;
a questão, porém, é transformá-lo.**

***Philosophers have only interpreted the world in different ways; the
point, however, is to transform it.***

Wanderley Ruan Gomes Debian¹
Douglas Tomácio²
Ana Paula Ferreira Pedroso³

Resumo:

Compreendendo a contribuição da obra freireana para a legítima formação de educadores e educadoras enquanto agentes ativos no processo de desestruturação do neoliberalismo, este texto busca discutir a ressignificação do ser docente frente as dificuldades do século XXI. Para tanto, como análise central, adotamos a obra “Pedagogia do Oprimido”, a qual, em diálogo com outras produções do patrono da educação brasileira, permite-nos apontar para a educação e seus sujeitos sob uma ótica que, aprofundada e relacional, compreende o neoliberalismo como problema capital. Este, como premissa a sustentá-lo, volta-se com obliterada e desumanizadora perspectiva aos sujeitos educativos e à educação enquanto empreendimento formador e estruturante da realidade social. Nesse sentido, defendemos, enquanto o neoliberalismo e suas estruturas fundantes prefigurarem como resposta de construção societária, Paulo Freire e toda sua vasta obra proporcionarão análises contemporâneas e profícuas acerca da educação e das relações nela engendradas.

Palavras-chave: Paulo Freire, Educador, Neoliberalismo.

Abstract:

Understanding the contribution of the Freire's work to the legitimate formation of educators as active agents in the process of neoliberalism's disruption, this text seeks to discuss the resignification of being a teacher in the face of the difficulties of the 21st century. Therefore, as a central analysis, we adopted the work “Pedagogy of the Oppressed”, which, in dialogue with other productions of the patron of Brazilian education, allows us to point to education and its subjects from a perspective that, deep and relational, comprises neoliberalism as a capital problem. This, as a premise to support it, turns with an obliterated and dehumanizing perspective on educational subjects and education as a formative and structuring enterprise of social reality. In this sense, we argue that, while neoliberalism and its founding structures foreshadow as a response of societal construction, Paulo Freire and all his vast work will provide contemporary and fruitful analyzes of education and the relations it engenders.

Keywords: Paulo Freire, Educator, Neoliberalism.

¹ Graduando do 2º período do Curso de Pedagogia – UEMG/Ibirité – ruanfilosofia@gmail.com

² Professor do Departamento de Ciências Humanas e Educação – UEMG/UFSJ – dtlmeduc@gmail.com

³ Professora do Departamento de Ciências Humanas e Educação – UEMG – ana@crions.com.br

Introdução

Paulo Freire nasceu em Pernambuco, em 19 de setembro de 1921. Educador, Freire deixou um legado que influenciou gerações ao longo do século XX, ao apontar para a transformação da realidade através da educação que, se indignando frente à injustiça, advoga a necessária construção de um mundo “menos feio, malvado e desumano” (GADOTTI, 2001, p. 52). Em 1962, realizou um trabalho de alfabetização na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, onde centenas de agricultores aprenderam a ler e a escrever em apenas 45 dias. Talvez seja uma pergunta de todos aqueles que têm contato com a grandiosidade da obra de Freire pela primeira vez: o que levou esse brasileiro, latino-americano, lutar tanto pelo povo pobre e sem educação? Refletindo, acreditamos que acontecimentos em sua infância possam nos ajudar a responder:

Diante da experiência concreta da fome que atingia seu “corpo consciente”, um nordestino, brasileiro, latino-americano, em plena década de 30 do século passado - quando as principais potências mundiais investem todos seus esforços na produção de armas, invenção tecnológica e acúmulo de riquezas com o objetivo de prepararem-se para aquela que viria a ser a guerra mais sangrenta, destrutiva e trágica de toda a história da humanidade - um menino, com apenas 11 anos de idade, se perguntava sobre o que ele poderia fazer para o mundo ser menos feio, um mundo onde, por exemplo, ninguém mais precisasse sentir o estômago “mordendo a si próprio” por não ter o que comer (Streck; Redin; Zitzkoski, 2010, p.15)

O menino faminto, já ávido por horizontes outros, demonstra fome de realidades de boniteza, daquelas em que não há mordidas dilacerantes, advindas das disparidades a que a maior parte da população estava (está) submetida. Consciente, faminto, cresceu. E, nesse percurso, à medida que se munia do saber implicado, fazia-se ator em prol da emancipação, da conscientização, da construção de famintos outros, famintos pela equidade; fossem potiguares de Angicos, fossem, pela amplitude de seu fazer, mineiros das bandas de Ibirité.

Já nos anos de chumbo, construído pelo golpe militar culminado em primeiro de abril de 1964, Paulo Reglus Neves Freire foi considerado, pelos militares, subversivo, criminoso a ser extirpado. Qual foi o seu crime? Educar aqueles abandonados pelo Estado. Exilado, não deixou seus objetivos e, assim, em vez de educar um único povo, Freire contribuiu para educação de várias nações.

Em 1968, escreve uma de suas mais importantes obras: *Pedagogia do Oprimido*. Esta, fruto também da supracitada fome, oferta-nos o banquete de lucidez crítica, permitindo-nos, pois, miradas mais conscientes e aprofundadas do empreendimento de educar e das relações que nele e a partir dele se dão. Pedagogia embalada da justa indignação, da amorosidade subversiva, da construção solidária e politizada e que, advogando a emancipação, ia de encontro às práticas e compreensões de educação fomentadas pelo cenário belicoso e desigual dos anos ditatoriais.

Tal vivacidade e potência fazem das obras de Paulo Freire, mesmo após a sua morte em 1997, uma indispensável ferramenta de pedagogos e pedagogas para a compreensão analítica e ação combativa frente a um problema antigo, mas ainda atual, o neoliberalismo.

Alguns diálogos com a perspectiva freireana no pensar educação

É muito comum afirmarem que os modelos escolares estão obsoletos, mas para quem? Para a lógica neoliberal eles estão mais do que atualizados, afinal, infelizmente continuam reproduzindo desigualdades, fazendo da ineficiência formativa, destinada aos mais pobres, a eficiência que consolida a organização social díspar e exploradora; em passadas robustas de mercantilização da educação. Esta, assim pois compreendida, é desumanizada, esvaziada de seu sentido

emancipatório, implicado, sensivelmente indignado, conforme proposto por Paulo Freire. Como postula Gadotti:

O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação [...] A mercantilização da educação é um dos desafios mais decisivos da história atual, porque ela sobrevaloriza o econômico em detrimento do humano (GADOTTI, 2009:26).

Reduzindo-a, “assassinam” o humano, a autenticidade que lhe é própria. Constrói-se em prol do incentivo à competitividade, a partir da qual importam os resultados, jamais o processo. E também por isso que Freire se opõe à lógica neoliberal: “para Paulo Freire o futuro é possibilidade. Para o neoliberalismo é uma fatalidade” (GADOTTI, 2001, p.8).

Não fatalista, mas entendendo o mundo como algo que está sendo (Freire, 2007), Freire, dentre as tantas contribuições, ressignificou o papel do professor. Este não pode ser mais aquele que se acha detentor de todo conhecimento, o depositário clássico. Mas, antes, coloca-se como sujeito a fomentar o processo de conscientização. De modo que esta seja “o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação” (FREIRE, 2007, p. 46).

Nesse sentido, ao repensar o papel do professor, apresenta-nos ainda outra mirada acerca do educando, como aquele que também educa. Isso porque estes sujeitos portam saberes, aos quais o educador, inclusive, não teve acesso. Assim, a educação em uma perspectiva neoliberal, em que, como afirma Freire (1987, p.58), “(...) se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”, perde espaço para um processo de ressignificação, a partir do qual a figura do próprio educador e dos educandos colocam-se como desconstrutoras de uma dinâmica do capital, assumindo ações comprometidas.

Sob essa perspectiva, entendamos, por exemplo, o contexto hodierno. Com a quantidade imensurável de informações disponíveis nos mais variados meios de comunicações, é nos clara a impossibilidade de o educador ser aquele que porta a informação (papel que nunca deveria ter a ele cabido efetivamente). Em vez disso, ele passa a ser seu decodificador, um mediador. O educador, implicado, medita então na vastidão de informações e, como dever ético, converte-as em conhecimento para, em uma etapa posterior, através da crítica, ajudar o educando a transcendê-lo e, de modo autoral e autônomo, consolidá-lo em sabedoria afeta. Não é uma tarefa fácil, mas não é impossível.

Diante disso, algumas indagações assinalam-se como fundamentais. O que dizer da educação? Nessa trajetória da formação e atuação de educadores na perspectiva freireana perante o neoliberalismo do século XXI, como poderíamos pensá-la? Qual o seu objetivo? Tais provocações e compreensões, de forma alguma, podem estar inauditas para esses educadores.

Em Freire entendemos existir “educações”. São várias as possibilidades, múltiplas quanto aos seus traçados e nuances. Entretanto, ainda que de caráter polissêmico, nenhuma é neutra⁴. A partir da perspectiva freireana, arriscamo-nos dizer sobre duas grandes modalidades de educação, as quais podem ser assim compreendidas a partir dos objetivos que assinalam (os quais aglutinam ainda inúmeros modelos formativos), quais sejam: a educação bancária, em que o aluno é uma tábula rasa, sem conhecimento e no qual o professor deposita o conhecimento (como assinalado); e a

⁴ Conforme Freire, “não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tão política quanto a outra, a que não se esconde, pelo contrário, proclama, sua politicidade (FREIRE, 1992, p. 78).

educação emancipatória, que, crítica, leva o sujeito a se tornar mais consciente da realidade em que está inserido, ao passo que o compreende como ator em sua historicidade e detentor de saberes.

Se a primeira desconsidera o aluno, e percebe o sujeito aprendente apenas como um receptáculo, a segunda, por sua vez, mira-o como ator do e no processo educativo, o qual, sabendo, é aprendente que traz consigo a potência do também ensinar. Enquanto empreendimento de formação, esta almeja a formação do cidadão crítico, aquela, ao desumanizá-lo, determina a continuidade do sistema desigual neoliberal através do adestramento.

Dito isso, ainda outra indagação se coloca: que seria então para Freire a dimensão de cidadão? Para Paulo Freire, é necessário:

[...] neste exercício, relembrar que cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis políticos de um Estado e que cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão (FREIRE, 2007, p.47).

Uma das táticas dos setores conservadores da atualidade para que se prevaleça a educação adestradora do modelo neoliberal, e que vai de encontro ao entendimento freireano de aluno como cidadão, é a “Escola sem Partido”⁵; ou, criticamente dizendo, “Escola com Mordaça”. Escola/movimento que, visando a “neutralidade” e “objetividade”, coaduna com um processo destacado por Freire, o de amaciamento da possível rebeldia dos injustiçados, construído sob pseudodiscursos de uma apolítica.

Em uma perspectiva freireana, podemos dizer, pois, tratar-se de um movimento que, sendo tão político quanto aquilo que diz combater, revela-se cruel ao bailar com a desumanização, a desigualdade, enfim, com um contexto neoliberal que mercantiliza a educação. Contexto este, evidentemente, defendido pelos setores conservadores da sociedade, que veem na proposta uma forma de preservar a estrutura desigual em que se sustentam. Como aponta Algebaile,

Considerando-se que o projeto, por sua impressionante generalização e suas muitas incongruências, pode, se aprovado, mobilizar as mais desvairadas “denúncias”, não é plausível acreditar que seus formuladores esperem efetivamente criminalizar e punir um grande número de pessoas. **O mais provável é que estejam visando os controles prévios da atividade escolar, da atividade docente e da discussão educacional, a partir da disseminação da ameaça de exposição pública e de criminalização**⁶. Daí a propriedade da alcunha atribuída ao PL por inúmeras vertentes críticas: Lei da Mordaça. (ALGEBAILLE, 2017, p.70).

Em outras palavras, diante estamos de um movimento em que “O antidualógico, dominador, nas suas relações com o seu contrário, o que pretende é conquistá-lo, cada vez mais, através de mil formas” (FREIRE, 2005, p.157).

Nesse sentido, àqueles educadores que contra essas investidas se levantam, muitos dos quais fundamentando-se em Freire, cabe a alcunha de “doutrinadores”, em uma clara tentativa de desqualificação dos sujeitos e de seu empreendimento formativo crítico.

Também não por acaso as investidas belicosas contra a universidade pública (ressaltamos o caráter público) e seus programas de formação que em Freire fazem ecoar um projeto educativo quer recusa a alienação do povo oprimido, o nefasto discurso neoliberal. Advoga-se, sim, uma educação

⁵ Segundo seus defensores, trata-se de um grupo que busca o ideal (ainda que inalcançável) da perfeita neutralidade e objetividade, algo que “todo professor tem o dever ético e profissional (d)e se esforçar para alcançar”, conforme o sítio eletrônico oficial. São pessoas preocupadas em “Abrir as cortinas e deixar a luz do sol entrar”, em combate ao que advogam ser obscurantismo e doutrinação, elementos que têm em Paulo Freire sua força vociferada. Informações disponíveis em: <http://escolasempartido.org/quem-somos/>

⁶ Grifo nosso.

que, sensível, muito antes de amordaçar, anseia pela construção autônoma do sujeito, indo de encontro ao treinamento tecnicista celebrado. Como aponta o próprio Freire,

(...) a pedagogia radical jamais pode fazer nenhuma concessão às artimanhas do “pragmatismo” neoliberal que reduz a prática educativa ao treinamento técnico-científico dos educandos. Ao treinamento e não à formação. A necessária formação técnico-científica dos educandos por que se bate a pedagogia crítica não tem nada que ver com a estreiteza tecnicista e cientificista que caracteriza o mero treinamento. É por isso que o educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença (FREIRE, 2000a, p. 43-44).

Fica-nos nítido então o porquê de Paulo Freire ser tão atacado, afinal os modelos educacionais neoliberais não auferem a formação de cidadãos sob uma ótica humanizada e emancipatória, como por ele proposto, mas, ao contrário, sedimentam-se em constructos de adestramento.

E é sob essa premissa que os indivíduos, não compreendidos em sua dimensão de atores sociais, são condicionados à formação que aquiesça com as práticas de um mercado, o qual, alegando um sistema meritocrático, mantém estruturalmente suas lógicas desiguais e competitivas. Mas qual seria o problema? É sabido que “quem acredita sempre alcança”. Como dizer, por exemplo, que o fato de pagar para estudar 10.360,00⁷ no colégio “Avenues: The World School”, localizado em São Paulo, não é algo que mereci? Sim, “é porque eu mereci!”. Eu mereci! Seria devaneio pensar o contrário...

Se assim o for, se entendermos que devaneios são posições de justa indignação frente à massacrante desigualdade com que opera o sistema neoliberal, de fato, é sob devaneios que as passadas freireanas se colocam.

Ora, de lado com a ironia, fato é que, veementemente, educadores freireanos não estão lutando por um mundo mais justo e igualitário respaldados em devaneios. Pelo contrário, a realidade iníqua aguça a mirada crítica que, como tal, contrapõe-se ao processo de naturalização da desigualdade, posto com quê de sina, como algo fatalisticamente dado. “O neoliberalismo consegue naturalizar a desigualdade (...) age como se a globalização fosse uma realidade definitiva e não uma categoria histórica” (GADOTTI, 2001, p.8).

Nesse sentido, desponta-se um processo que, pelo humano, no humano e partir do humano, se consolida rumo à mudança, ensejando horizontes de equidade, os quais, lutamos, se tornarão horizontes não mais almejados, mas aqueles espaços nossos de habitação. E, para tanto, algo está posto: não existe neutralidade. Assim como não há o apolítico.

É a partir desse prisma que algumas indagações assolam o pensamento de pedagogos e pedagogas freireanos: se não for aqueles oprimidos, quem lutará pela mudança do mundo, das estruturas que desigualmente são instaladas? Os opressores? Obviamente que não. Sua primazia, seu lugar de privilégio e “merecimento”, tão quistos, são sustentados por essa estruturação.

E ainda: “Em favor de que estudo? Contra que estudo? Contra quem estudo?” (Freire, 2000, p.81). Esfarrapadamente, podemos pensar em alguma resposta: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1987, p.12).

⁷ SANDIN, Caio. Chega no Brasil colégio que cobra mais de R\$ 10 mil por mensalidade. Notícias r7. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/r7-planalto/fotos/chega-no-brasil-colegio-que-cobra-mais-de-r-10-mil-por-mensalidade-26042019#/foto/11> acesso em: 28 de outubro de 2019.

O docente freireano, como intelectual comprometido⁸, busca se esforçar para fazer a diferença no ambiente educativo, ele ama o que faz. Amor enquanto amorosidade lúcida, em um processo que, como dito, é esperançoso sem desatrelar-se da crítica. Melhor dizendo, é esperançoso também porque lucidamente crítico é.

De forma dialética se dá assim a metodologia de Freire, a partir da qual o “não ser” se torna “ser”, assinalando um trilhar educativo implicado, em que, amorosa, consciente e criticamente, os oprimidos podem tornar-se sujeitos de si.

Ora, se aquele que se intitula professor não estiver disposto a amar o que faz, infelizmente o método freireano será um verdadeiro fracasso para ele. Amar a docência, o outro em seu direito de ser, é pré-requisito determinante para aplicação dos critérios revolucionários postostos por Paulo Freire. Mais, além de amar a docência, é ainda indispensável, ao menos, dois elementos para o Educador: humildade e fé nos seres humanos.

Humildade, outra virtude fundamental na formação do professor progressista. O educador que carrega essa virtude está disposto a aprender com seus educandos. Ele não possui todos os saberes. Ele valoriza os saberes de seus educandos. E, em mútua construção, partilha o que sabe e aprende o partilhado, construindo assim um novo saber. Com muita satisfação, o educador ensina e aprende constantemente com seus educandos que, também mestres, são então compreendidos como educandos-educadores.

Além disso, o princípio da humildade proporciona um outro aspecto indispensável à luta, saber analisar a crítica. Assim escreveu Freire:

É preciso aceitar a crítica séria, fundada, que recebemos, de um lado, como essencial ao avanço da reflexão teórica, de outro, ao crescimento necessário do sujeito criticado. Daí que, ao sermos criticados, por mais que não nos agrade, se a crítica é correta, fundamentada, feita eticamente, não temos como deixar de aceitá-la, retificando assim nossa posição anterior. (...) Mas, apesar da obviedade do que acabo de dizer, isto é, de que é impossível agradar a gregos e troianos, quem faz algo tem exercitar a humildade antes mesmo de começar a aparecer em função do que começou a fazer (FREIRE, 2007, p.61-62).

Como o mundo, os seres humanos não são, eles estão sendo. Reconhecendo-se na sua incompletude, eles aceitam o construir-se constantemente, retificando-se, reelaborando-se, enfim, sendo humanos: sujeitos em formação. Assim compreendendo, percebem-se também como eles próprios agentes de suas histórias, agentes que, reais, podem transformar a realidade.

Paulo Freire acreditava fervorosamente, tinha fé nos seres humanos, estes agentes promotores da transformação. E também por isso acreditava na educação, pois ela transforma humanos, com eles opera, é feita por, para e a partir deles; sujeitos em quem, como educadores, cabe o depósito de nossa fé. Fé em quem, transformado pela educação, transforma o mundo.

Cabe destacar que a referida fé no humano dá-se, inclusive, no que tange à habilidade crítica deste, à capacidade frente ao novo, ao desafiador ato de conhecer em imersão. Tal fato exige que o próprio educador se desprenda de possíveis percepções que pode por acaso ter quando diante está das classes populares. Isso porque, em muitos casos, em vez de educar, corroborará com os processos de exclusão.

⁸ A dimensão de “intelectual comprometido” leva em consideração as postulações salientadas por Fischman (2010), autor que propõe essa categoria analítica a partir do “intelectual orgânico”, de Gramsci. A este respeito ver: FISCHMAN, Gustavo E.; SALES, Sandra Regina. **Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras?** Revista brasileira de educação, Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 07-20, jan./abr. 2010.

Neste sentido, aliás, as lideranças progressistas que se deixam tentar pelas táticas emocionais e místicas por lhes parecerem mais adequadas às condições histórico-sociais do contexto, terminam por reforçar o atraso ou a imersão em que se acham as classes populares devido aos níveis de exploração e submissão a que se acham tradicionalmente submetidas pela realidade favorável às classes dominantes. Obviamente que seu equívoco não está em respeitar seu estado de preponderantemente imersas na realidade, mas em não problematizá-las. (FREIRE, 2007, p.17).

É, pois, necessário que acreditemos sempre no povo oprimido pelo capital, de modo a compreender que algumas habilidades não foram desenvolvidas não por sua incapacidade, mas, sim, pelo fato de ter sido ele cerceado de meios para as desenvolverem, até porque, como destacado, isso também é parte do jogo. Trata-se da fé no povo, fé que nos move à luta que, por sua vez, também nos constitui e faz de nós povo. Lembrando que essa luta não é para o povo, mas com o povo, afinal “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p.29).

Ciente das dificuldades que serão enfrentadas, problematizando-as e nelas estando inserido, em luta, o docente deve assim criticamente acreditar em um mundo melhor e usar esse sonho como incentivo diário para a construção de seu fazer, que apoiado está no embate rumo à equidade, à transformação e à conscientização.

Outro aspecto preponderante a ser considerado pelo educador crítico é o fomento à sensibilidade do educando para ler o mundo. Como mostra Freire (2011), ao considerarmos a leitura de mundo desse educando e tendo-a como base também fundante do empreendimento formativo, apontamos para um educar que o reconhece como sujeito em suas histórias e vivências, em suas incompletudes e lutas diárias. A experiência do educando, evocada, traz em si o envolvimento deste, reforça o papel protagonista que lhe cabe enquanto sujeito também construtor dos enredos formativos.

Ao apostar em tal investida, externalizando também suas leituras, o educador demonstra a lógica que se constrói não por um caráter unívoco, antes pelo contrário, se dá pela multiplicidade. Leituras. Polisssemia. Nada como definitivo, mas sempre em formação. É educação que no mundo e com o mundo se faz.

Para tanto, a fim de que tal façanha seja alcançada através da metodologia freireana é determinante que exista a dialogicidade. Os três fundamentos para a formação de um educador, anteriormente aludidos, são as bases da aplicação dialógica:

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. [...] Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante [...] Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 1987, p.80-81).

Nesse sentido, Freire afirma o encontro solidário, que, amável, humilde, e repleto de fé, aposta na relação horizontalizada, fiável, em que os sujeitos se humanizam mutuamente sob processos de ação e reflexão. Trata-se de uma concepção humanista, pautada na práxis respeitosa e também por isso transformadora. Educação que ao dialogar é já em si combativa, afinal “(...) quando buscamos uma educação dialógica, estaremos necessariamente, contradizendo a ideologia dominante (...). (FREIRE; SHOR, 2011, p. 224).

Também a partir da obra de Freire, entendemos que o ser humano, base fundante e agente da transformação, devido a sua incompletude, tem uma necessidade primordial: aprender. Nessa perspectiva, podemos inferir que a educação é intrínseca ao ser, portanto, é ontológica.

Dessa forma, como seres cognoscentes, a educação deve ter o ímpeto de estimular a curiosidade no sujeito, estimulando-os no sentido de se tornarem mais conscientes das contradições sociais e mais engajados no processo de transformação, diante da realidade a ser conhecida. Assim criando e recriando, pela curiosidade, os sujeitos abrem-se à nova percepção, ao conhecimento libertador. Do contrário, o que se tem é hegemonia disfarçada de educação, por isto, uma pseudoeducação.

Como se pode perceber, não por acaso Paulo Freire é tão atacado por setores conservadores da atualidade, ou, melhor dizendo, por aqueles que defendem o capital. Suas postulações, ao refletirem sobre uma sociedade injusta, calcada na desigualdade, evidenciam um sistema que se constrói a partir da exploração daqueles a quem o capital tem como escória, fazendo-os oprimidos; e nada mais nocivo a essa estrutura que o processo de conscientização desses sujeitos, algo a que Paulo Freire se propôs.

O fazer educativo de Freire expressa uma admirável práxis revolucionária. Construída pela fome de boniteza, ela traz consigo a assinatura dos desvalidos, que, entendendo-se como tais, são evocados a saírem da condição de oprimidos não para serem opressores, mas pela busca da justaposição. E é a partir dessa tessitura, fundada também no conceito de práxis, que podemos compreender o educar enquanto um fazer crítico.

Como afirma Ricardo Rossato (2010, p.325), o conceito de práxis "(...) perpassa em toda obra de Paulo Freire.". Para ele,

Práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora. Opõe-se às ideias de alienação e domesticação, gerando um processo de atuação consciente que conduza a um discurso sobre a realidade modificar esta mesma realidade (ROSSATO, 2010, p.325).

É a partir dessa compreensão que defendemos aulas, em seus mais distintos contextos e espaços, encharcadas de práxis, uma vez que esta é uma ação intrínseca ao processo almejado de revolução.

O espaço educativo, e aqui ressaltamos a escola no contexto contemporâneo, é sabidamente um lócus privilegiado para a consolidação de preceitos neoliberais, como mostram Freire e Shor,

[...] a lógica da dominação se reproduz na escola, como em qualquer outra instituição, de modo que, quando buscamos uma educação dialógica, estaremos necessariamente, contradizendo a ideologia dominante, interferindo politicamente na tarefa da escola de reproduzir a dominação (FREIRE; SHOR, 2011, p. 224).

Mas é também a escola um espaço profícuo à resistência, à construção de horizontes e possibilidades outras, a partir das quais assinalamos, como educadores, o compromisso da transformação.

Isso quer dizer que a escola se configura então como campo fértil para o desenvolvimento de concepções de uma nova sociedade. Ela é palco para a construção distinta, para uma formação implicada, que não se pretende "dadora de voz", mas que apresenta seus ouvidos sensivelmente ávidos, que não se omite frente à miséria, à intolerância, ao desrespeito e isso nas diferentes facetas

que pode apresentar, como o racismo, a misoginia, a heteronormatividade, a intolerância à laicidade, à diversidade religiosa, dentre tantos outros desafios que a nós são colocados.

É, como bem aponta Freire ao longo de toda sua produção, uma revolução de consciência, pronta a demonstrar aos oprimidos seu lugar de direito: sujeitos da própria história.

Considerações finais

É, de fato, notória a atualidade que expressa o pensamento de Paulo Freire. Educador que, sensivelmente, demonstra a cruza de uma ordem desumanizadora e o faz construindo a humanização que emancipa.

Por sua práxis, compreendemos a luta por igualdade, feita composta sob o peso de uma estrutura tão desigual, que a ele perseguiu, exilou e, ainda hoje, pretende silenciar.

Esse nordestino, latino-americano, pobre, com a destreza que lhe é própria, continua, por seus escritos, proporcionando-nos a esperança lúcida, a crítica afeita ao próximo, a educação como possibilidade transformadora. Faminto, cheio de indignação, construiu passadas, sobretudo, carregadas de amor e a partir dele, com humildade, fé e dialogicidade, apresentou-nos a boniteza digna de quem, resistindo, insistiu.

Paulo Freire não assumiu um mero papel de “dador de aulas”, espécie de professor que, sem se comprometer, em determinado horário vendia sua força de trabalho em alguma escola.

Ele foi educador e assim entendia-se por todos os momentos de seu dia. Um homem que amava a vida e o mundo nela expresso, de igual modo amou o mundo e a vida por ele emanada, e assim comprometeu-se, tanto dentro dos ambientes formais de ensino, quanto fora deles.

Por fim, talvez os freireanos deste século possam não presenciar um mundo revolucionado, mas, quiçá, serão esses Educadores e Educadoras a formar os revolucionários que um dia concretizarão a transformação da realidade neoliberal em um mundo afável de amorosidade, pelo qual o saudoso patrono da educação, Paulo Reglus Neves Freire, tanto sonhou e lutou.

Referências

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 53. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 1º ed. Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 8º ed. São Paulo: Vila das Letras, 1997.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola Sem Partido: Esfinge que Ameaça a Educação e a Sociedade Brasileira**. 1ed. Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas, 2017.

GADOTTI, Moacir. **Diálogo e conflito, pensamento e ação: uma perspectiva freireana no século XXI**. In: Seminário Internacional, Valência, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e a educação popular**. Revista Proposta, nº 113, São Paulo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009

STRECK, Danilo; REDIM, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. **Dicionário Paulo Freire**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.